Job e a comédia do sofrimento em *A Serious Man* (2009), dos irmãos Coen

Job and the Comedy of Suffering in *A Serious Man* (2009), by the Coen Brothers

João de Mancelos

Universidade da Beira Interior/CLLC

mancelos@ua.pt

ORCID: 0000-0001-5867-9376

Palavras-chave: adaptação cinematográfica; Job; irmãos Coen; *A Serious Man*.
Keywords: inematic adaptation; Job; Coen brothers; *A Serious Man*.

1. O livro do sofrimento e da esperança

Por que existe o sofrimento? Será a dor uma consequência do pecado original? Por que permite Deus que os fiéis sejam atingidos por infortúnios? Haverá lugar à esperança, diante da tragédia? O Livro de Job lida com estas questões através de uma parábola centrada na figura do protagonista, um homem temente a Deus, sobre o qual se abatem diversas desgraças (Carvalho, 2012, pp. 125-140).

Este episódio tem sido abordado, com alguma recorrência, na sétima arte, inspirando diversos realizadores. A título de exemplo, relevo três longas-metragens, pertencentes a vários géneros cinematográficos. Na categoria histórica, destaco *The Book of Job/O Livro de Job* (2018), dirigido por Lindsay Darnall Jr., que segue fielmente o texto bíblico. Possui um elenco composto por atores surdos, que recorrem à linguagem gestual para encenarem uma trama de fé e de sofrimento. No género dramático, recordo *The Tree of Life/A árvore da vida* (2011), de Terrence Malick, que aborda a angústia de uma família após a perda inesperada de um filho, aos 19 anos. A película abre com uma citação do Livro de Job e apresenta diversas meditações, em *voice-over*, acerca dos insondáveis desígnios de Deus. Num tom diverso, enquadrável na paródia e no humor negro, saliento *A Serious Man/Um homem sério* (2009), escrito e realizado pelos irmãos Joel e Ethan Coen. A ação é protagonizada por Lawrence “Larry” Gopnik, um homem culto e bem estabelecido, que, como Job, enfrenta uma série de infortúnios.

É sobre esta última longa-metragem que me debruçarei no presente artigo. No espírito da intertextualidade exoliterária e dos estudos comparatistas, pretendo estabelecer semelhanças, diferenças e relações entre a parábola bíblica e o filme. Para tanto, analisarei as categorias narrativas do tempo e do espaço, a figura do protagonista, os eventos catalíticos e a mensagem.

2. Da tragédia ao humor

Existem, parece-me, paralelos óbvios entre a longa-metragem dos Coen e Livro de Job, como tenciono demonstrar neste artigo. Contudo, numa entrevista concedida à página de internet *Working Title*, em maio de 2011, os realizadores negaram a influência do episódio bíblico na trama do seu filme. Joel Coen argumenta: “We were just making our movie. We understand the reference, but it was not in our minds” (*Working Title*, 2011, p. 1).

O especialista em estudos judaicos David Tollerton não crê que esta afirmação seja impeditiva de uma leitura comparada entre textos literários e fílmicos. Em primeiro lugar, porque os Coen são conhecidos por listarem, nos créditos, indivíduos que não existem; ou mesmo por afirmarem, falsamente, que um enredo se baseia em factos, como sucede no filme *Fargo/Idem* (1996). Em segundo, porque, tal como afirma a estética da receção, um espetador tem pleno direito à sua leitura de um filme, desde que a teça de modo fundamentado (Tollerton, 2011, pp. 3-4). Neste espírito, parece-me que existem, entre as duas obras, paralelos que ultrapassam a mera coincidência, reforçando a ideia de uma intertextualidade *voluntária*.

A parábola bíblica decorre numa época indeterminada, algures entre os séculos VII e II a.C., altura em que terá sido redigida. Os eventos situam-se ora num espaço indefinido, de natureza espiritual, habitado por Satanás e por Deus, ora no mundo físico, rural, a terra de Uce, perto da fronteira com a atual Arábia (Job 1:1).

Por seu turno, na película dos Coen, a ação tem lugar em 1967, um tempo de convulsão social e de questionamento das crenças religiosas, a que a comunidade judaica norte-americana não esteve imune. O espaço é St. Louis Park, uma cidade do condado de Hennepin, no estado de Minnesota, predominando as áreas suburbanas, como a residência do protagonista, a universidade onde este leciona e a sinagoga de B’nai Emet.

Tais espaços são significativos, pois representam o bem-estar e o êxito de uma classe média-alta. Após a Segunda Guerra Mundial, devido à diminuição do preço das habitações e ao aumento do agregado familiar (“baby boom”), os subúrbios desenvolveram-se rapidamente. Possuir uma vivenda de um ou dois andares, com um jardim verdejante, tornou-se parte do sonho americano (Jackson, 1987, p. 232). Na película em estudo, existe, pois, uma atualização no tempo, espaço e cultura do episódio em hipotexto.

No Antigo Testamento, a figura central é Job, descrito como um indivíduo de fé, dotado de grande sabedoria, senhor de um enorme pecúlio e patriarca de uma família numerosa: “Tinha sete filhos e três filhas. Possuía sete mil ovelhas, três mil camelos, quinhentas juntas de bois e quinhentas jumentas e uma grande

quantidade de escravos. Este homem era o mais importante de todos os homens do Oriente” (Job 1:2).

O protagonista do filme, Gopnik, apresenta semelhanças com a figura bíblica: é um judeu crente; um homem de saber (professor universitário de Física); um membro da classe média-alta; um homem de família, aparentemente amado pela esposa e pelos filhos. Porém, segundo Krzysztof Majer, Gopnik também corresponde ao típico “schlemiel” do folclore e das anedotas judaicas: um azarado, um tolo, enfim, uma figura cômica que leva a meditar acerca do significado do mundo em que vive (Majer, 2015, pp. 80-81).

Existem paralelos entre os momentos cruciais da diegese do Livro de Job e do enredo do filme dos Coen. Na narrativa hipotextual, o incidente desencadeador ocorre quando Satanás propõe um desafio a Deus. No entender do demônio, Job é apenas reto porque possui uma vida plena de felicidade. Para pôr à prova este homem íntegro, sugere ao Todo-Poderoso que lhe retire a sua proteção, permitindo que um anjo o despoje da riqueza, filhos e saúde física. Perante tais provações, verificariam se a fé de Job permaneceria intocável.

Na diegese do filme, não surge qualquer figura satânica ou divina para testar as crenças do protagonista. Como tal, os azares que se abatem sobre Gopnik sugerem a inexistência de Deus, e reforçam o caráter aleatório da vida. Tal incerteza encontra-se expressa na cena em que o protagonista explica aos alunos o paradoxo do gato de Schrödinger, tal como avançado pelo físico austríaco (Stanley, 2013, p. 31). Um felino está fechado numa caixa, juntamente com veneno e uma fonte radioativa. O animal é composto por átomos e os átomos podem ser duas coisas ao mesmo tempo. Assim, segundo a física quântica, até um cientista abrir a caixa e verificar o estado de saúde do gato, o felino encontra-se *simultaneamente* vivo e morto, ou vivo num universo e morto noutra (Parsons, 2010: 40-43). Como resume Gopnik aos alunos: “É o Princípio da Incerteza. Nunca podemos realmente saber o que se passa” (Coen, 2009, cap. 13).

Os Coen apresentam, pois, um mundo amoral e incerto, privando *A Serious Man* de uma mensagem potencialmente religiosa. Tal visão da realidade é característica da chamada “narrativa contemporânea”, um tipo de diegese adotada por cineastas como Lars von Trier, Tom Tykwer ou David Lynch, marcada por protagonistas que nem sempre geram empatia; enredos absurdos; epílogos despojados da lição de moral comum na narrativa clássica; e uma estrutura que nem sempre segue a ordem cronológica dos acontecimentos (Mancelos, 2017, pp. 61-65).

Tanto o hipotexto como o hipertexto encenam o tema do sofrimento, embora de forma diversa. Decorrente do desafio que Satanás lançou a Deus, uma série de desgraças abate-se sobre Job, afetando diversas áreas da sua vida. O gado foi roubado ou destruído por um fogo vindo do céu; os trabalhadores, trespassados pelas espadas dos sabeus e dos caldeus; os filhos, vitimados por um tornado proveniente do deserto. Demonstrando uma fé inabalável perante a desgraça, Job afirmou: “Saí nu do ventre de minha mãe, e nu tornarei para lá. O Senhor mo deu, e o Senhor mo tirou; bendito seja o nome do Senhor!” (Job 1:21).

Exasperado, Satanás propõe a Deus um novo desafio: tocar os ossos e a carne do homem: “Satã (...) atingiu Job com uma lepra maligna, desde a planta do pé até ao alto da cabeça” (Job 2:7). A sua mulher disse-lhe: ‘Persistes ainda na tua

integridade? Amaldiçoa a Deus, e morre de vez!” (Job 2:9). Job não se deixa abalar e reafirma a sua fé: “Se recebemos os bens da mão de Deus, não aceitaremos também os males?” (Job 2:10).

O enredo do filme *A Serious Man* centra-se, de igual modo, na temática do sofrimento e da reação à desgraça. A epígrafe “Recebe com simplicidade tudo o que acontece contigo”, atribuída a Shlomo Yitzhakideixa, um rabino medieval francês, antevê as numerosas desventuras que pontuam o enredo (Coen, 2009, cap. 1). Ao mesmo tempo, sugere que tudo, mesmo o infortúnio, constitui uma dádiva, pelo que deve ser aceite com obediência (Majer, 2015, p. 89).

O tom da narrativa cinematográfica diverge radicalmente da atmosfera trágica do hipotexto. Os Coen enveredaram pelo humor negro, pelo cómico de situação e de personagem e pela caricatura da comunidade judaica. Numa entrevista concedida a Robert Sklar, da revista *Cineaste*, Ethan Coen admitiu o propósito malévolo: “The fun of the story for me and Joel was inventing new ways of torturing Larry” (Sklar, 2010, p. 58).

Tantas são as desgraças que sucedem a Gopnik que me restrinjo apenas às três principais, nos planos da família, da profissão e da saúde. A vida familiar do anti-herói desmorona-se quando a esposa, Judith, lhe anuncia que tem um amante, Sy Ableman, e, como tal, pretende o divórcio, conhecido no judaísmo como “gett” (Coen, 2009, cap. 4). O nome da sua nova paixão, Ableman (“homem capaz”), insinua que o marido, Gopnik, é impotente (Majer, 2015, p. 84).

Apanhado de surpresa, Gopnik enfrentará uma série de humilhações. Estas incluem a visita do rival, que apresenta a infidelidade num tom tão razoável que até parece positiva (Coen, 2009, cap. 7); a mudança forçada de Gopnik para um hotel das imediações, paradoxalmente chamado Jolly Roger; e, para cúmulo, ter de pagar a despesa do funeral de Ableman, que perece num acidente de viação (Coen, 2009, cap. 10). Ironicamente, na cerimónia fúnebre, o rabi descreve o falecido como um “lamedvovnik”, ou seja, um “homem sério” (Coen, 2009, cap. 12).

No plano profissional, Gopnik enfrenta uma situação delicada: Clive, um aluno coreano, insatisfeito com a classificação negativa numa cadeira, tenta subornar o professor. Para tanto, deixa, em cima da sua secretária, um envelope com uma quantia considerável (Coen, 2009, cap. 3). Gopnik rejeita o suborno, mas não consegue evitar um encontro desagradável com Park, o intimidante pai do aluno. Num diálogo absurdo, aquele acusa o docente de difamar o filho. Saturado, Gopnik sugere: “Eu até podia fingir que o dinheiro nunca tinha aparecido, e não ia difamar ninguém”. Park entusiasma-se: “Sim. E passá-lo-ia no teste”. O professor questiona: “Passá-lo-ia no teste? Senão, processa-me?” Park afirma: “Sim. Por aceitar dinheiro”. Gopnik mostra-se perplexo: “(...) Isto não faz sentido. Ele deixou o dinheiro, ou não deixou o dinheiro?!” Park conclui a conversa, abruptamente: “Aceite o mistério” (Coen, 2009, cap. 8).

No plano da saúde, infere-se que a desgraça está iminente. No início do filme, Len Shapiro, médico de Gopnik, assegurara-lhe que não havia o mínimo problema com os seus pulmões e até lhe ofereceu um cigarro (Coen, 2009, cap. 2). Porém, quase no epílogo, o Dr. Shapiro telefona-lhe. Procura disfarçar o alarme, mas a mensagem é ominosa: “Escute, poderia passar por aqui para discutir os resultados do raio-X?”. Segue-se um longo silêncio. Gopnik pergunta:

“Não podemos discuti-los ao telefone?” O médico insiste: “Acho que seria mais confortável pessoalmente. (...) Agora, é boa altura” (Coen, 2009, cap. 19). Ironia: será que Gopnik escapou a tantas vicissitudes apenas para vir a enfrentar uma doença mortal? Todos estes azares, em catadupa, contribuem para acentuar o tom de comédia negra.

Nenhum dos protagonistas das narrativas se encontra só ou desamparado. A provação de Job não passou despercebida à comunidade, e recebe a visita de três amigos: Elifaz, o temanita, Bildade, o suíta, e Zofar, o naamatita. Estes visitantes reagem de forma dramática: “E quando de longe levantaram os olhos, não o reconheceram; puseram-se então a chorar, rasgaram as suas vestes e espalharam pó sobre as suas cabeças. Ficaram sentados no chão, ao lado dele, sete dias e sete noites, sem lhe dizer palavra, pois viram que a sua dor era demasiado grande” (Job 2:12-13).

Sucedem-se debates entre Job e os companheiros, tecidos de argumentos e contra-argumentos, que preenchem a maioria do livro. Os amigos seguem a lógica de que Deus pune os pecadores, pelo que o infeliz deveria ter prevaricado para merecer um castigo tão severo. Quando Job insiste na sua retidão, os companheiros acusam-no de se vangloriar, adicionando, assim, outra ofensa à divindade. Por fim, o próprio Deus intervém nesta querela, censurando Elifaz: “Estou indignado contra ti e contra os teus amigos, porque não falaste com retidão na minha presença, como Job, meu servo” (Job 42:7).

Este passo bíblico encontra eco no filme em análise, de forma sarcástica, em diversas cenas. Desde logo, o protagonista não é visitado por um grupo de amigos, mas procura aconselhamento junto de três rabis da sinagoga local. Enquanto no Livro de Job, os amigos criticam o protagonista; no filme, os rabis demonstram ser inúteis. O primeiro, o inexperiente Scott, limita-se a consolar Gopnik, dizendo: “O parque de estacionamento está aqui. Não há muito para ver. Mas se imaginar um visitante, alguém que não está familiarizado com estes automóveis, (...) alguém com uma nova perspetiva. (...) pode compreender melhor este mundo” (Coen, 2009, cap. 9). É evidente que esta afirmação tão vaga não ajuda Gopnik.

O absurdo também se encontra presente no filme. O segundo rabi, Nachter, conta ao protagonista a seguinte história: o dentista Lee Sussman, ao examinar a boca de um paciente, Russell Krauss, descobriu que havia uma frase em hebraico, gravada na parte interior dos incisivos: “Ajuda-me. Salva-me” (Coen, 2009, cap. 11). Perplexo, o dentista não consegue comer, nem descansar. Procura mensagens na boca de outros pacientes, na sua e até na da esposa, mas nada encontra. Quando Gopnik questiona Nachter acerca do significado da história, o rabi é perentório: “Não sei”. No entanto, acrescenta: “Estas questões que o estão incomodando, Larry, talvez sejam como uma dor de dentes. Dói-lhe por uns tempos, mas depois passa” (Coen, 2009, cap. 11). Em suma, Gopnik deve aceitar os desígnios de Deus, sem lamentos.

A figura do terceiro rabi, Marshak, foi inspirada por um homem enigmático, que os Coen conheceram na adolescência, e que gostava de ter uma conversa particular com cada jovem, após concluir o seu Bar Mitzvah (Oeming, 2013, p. 176). No filme, Danny, o filho de Gopnik, que acabara de fumar um cigarro de haxixe, conversa com o rabi. Este aconselha-o: “Quando a verdade é encontrada

para ser mentira e toda a esperança dentro de si morre, o que existe depois?” (Coen, 2009, cap. 18). O adolescente escuta, intrigado, estas palavras — e com bons motivos, pois fazem parte da letra de “Somebody to Love”, uma canção da banda psicadélica Jefferson Airplane. Mais uma vez, a mensagem é despojada de utilidade e proveniente de uma fonte nada canónica.

No epílogo do Livro de Job, Deus apieda-se do protagonista e recompensa-o pela sua fé, ao devolver-lhe, copiosamente, fortuna, família e saúde. Nas cenas finais do filme, surge um tornado que se aproxima da cidade e obriga à evacuação dos alunos da escola judaica para uma cave. A sua imagem sombria, no horizonte, ecoa o momento bíblico em que Deus interroga Job, para lhe mostrar quão pouco este sabe acerca do Todo-Poderoso (Stanley, 2013, p. 32). O que sucederá a seguir? A película não o revela, encerrando, assim, com uma nota de incerteza que não destoa do tom geral do enredo.

3. Subversão e absurdo

Após cotejar, numa perspectiva intertextual, o Livro de Job, e o filme *A Serious Man*, concluo, de forma resumida, o seguinte:

- a) Enquanto os eventos do hipotexto ocorrem na antiguidade, a intriga do filme passa-se em 1967. Os anos sessenta constituíram uma época de contestação: o judaísmo, representado pelos rabis, cujos conselhos são crípticos, não escapa ao sarcasmo.
- b) A narrativa bíblica ocorre na terra de Uce, e a do filme, em Saint Louis Park. Neste caso, o espaço socioeconómico dos subúrbios, correspondendo ao ideal norte-americano de riqueza, contribui para caraterizar Gopnik como um homem de êxito.
- c) O protagonista do texto bíblico é Job, sábio, reto, temente a Deus, abastado e com numerosos parentes. No filme, Gopnik é um professor universitário, judeu, de classe média-alta e um “homem de família”.
- d) Na parábola, Job é alvo de infortúnios que atingem a riqueza, família e saúde. O mesmo acontece ao professor, na narrativa cinematográfica. Contudo, aqui o tom não é trágico, mas impregnado pelo humor negro e pelas situações absurdas.
- e) Job é visitado por três companheiros. Longe de o consolarem, insistem que ele deve ter pecado gravemente para merecer tais castigos. Na película, Gopnik ou o filho consultam três rabis, que os tentam ajudar, sem êxito, através de parábolas inusitadas.

Pelo exposto, e segundo a tipologia de adaptação cinematográfica expressa por Geoffrey Wagner, em *The Novel and the Cinema* (1975), esta película constitui uma “analogia”, ou seja, apresenta “um considerável afastamento [do original], com vista a criar outro trabalho artístico” (Wagner, 1975, p. 226, trad. minha). De facto, no filme, ocorrem tantas alterações relativamente ao hipotexto que o espetador pode até nem identificar uma conexão imediata ou evidente com este.

Na obra dos Coen, *A Serious Man* prima pela irreverência no tratamento da parábola, pelo destaque que a cultura judaica assume e pela construção do pro-

tagonista, Gopnik, um Job dos subúrbios — tudo para imergir o espectador numa verdadeira *comédia* do sofrimento.

Referências bibliográficas

- Carvalho, J. C. (2012). O mal no livro de Job. *Humanística e Teologia* 33(1), 125-140.
- Jackson, K. T. (1987). *Crabgrass Frontier: The Suburbanization of the United States*. New York: Oxford University Press.
- Majer, K. (2015). 'Receive with Simplicity Everything That Happens to You': Schlemiel (Meta) physics in the Coens' *A Serious Man*. *Text Matters*, 5(5), 79-94.
- Mancelos, J. de. (2017). *Introdução à Narrativa Cinematográfica*. Lisboa: Colibri.
- Oeming, M. (2013). *In kino veritas: On the Reception of the Biblical Book of Job in the Context of Recent Cinematography*. In M. Bauks, W. Horowitz, & A. Lange (Eds.), *Between Text and Text: The Hermeneutics of Intertextuality in Ancient Cultures and the Afterlife in Medieval and Modern Times* (pp. 164-180). Göttingen: Vandenhoeck & Ruprecht.
- Sklar, R. (2010, Spring). Review of *A Serious Man*, dir. Joel and Ethan Coen. *Cineaste*, 58-59.
- Parsons, P. (2022). *Teorias em 30 segundos* (A. M. Lopes, Trad.). Lisboa: Marcador.
- Stanley, T. (2013). *A Serious Man*. *The Bible and Critical Theory*, 9(1), 27-37.
- Tollerton, D. (2011, October). Job of Suburbia? *A Serious Man* and Viewer Perceptions of the Biblical. *Journal of Religion & Film*, 15(2). <https://digitalcommons.unomaha.edu/jrf/vol15/iss2/7>
- VVAA. (2006). *Bíblia Sagrada*. Lisboa: Difusora Bíblica.
- Wagner, G. (1975). *The Novel and the Cinema*. Rutherford: Fairleigh Dickinson University Press.
- Working Title. (2009, November 16). Q&A with Joel and Ethan Coen. *Working Title Films*. <https://www.workingtitlefilms.com/features/qanda/id/7/q-a-with-joel-and-ethan-coen>

Filmografia

- Coen, J., & Coen, E. (Directors). (2009). *A Serious Man* [Film]. M. Stone (Trans.). USA: Focus Features.

Resumo

O filme *A Serious Man/Um homem sério* (2009), de Joel e Ethan Coen, pode ser interpretado como uma paródia engenhosa e irreverente ao Livro de Job. No espírito da intertextualidade exoliterária e dos estudos comparatistas, o meu objetivo é estabelecer semelhanças, diferenças e relações entre a parábola bíblica e esta película. Analisarei as categorias narrativas do tempo e do espaço, a figura do protagonista, os principais eventos e a mensagem. Para tanto, recorro a entrevistas concedidas pelos irmãos Coen, a ensaios de cinéfilos e de teólogos e, naturalmente, à teoria da intertextualidade.

Abstract

The movie *A Serious Man* (2009), by Joel and Ethan Coen, can be interpreted as an ingenious and irreverent parody of the Book of Job. In the light of exoliterary intertextuality and comparative studies, my objective is to establish similarities, differences and relations between the Biblical parable and this movie. I will analyze the categories of time and space, the protagonist, the main events, and the message. To do so, I resort to interviews granted by the Coen brothers, to essays written by cinephiles and theologians and to intertextuality theory.